

Renamo quer envolvimento português Público 2/5/91

AS NEGOCIAÇÕES para a paz em Moçambique, que a partir de hoje recomeçam em Roma, aguardam de Portugal um novo impulso, face ao êxito das conversações angolanas no Estoril, e o eventual apoio a assumir pelo Presidente da República e Governo de Lisboa.

Desta conjugação esprearam-se reflexos no processo reaberto na Comunidade de Santo Egídio sem mais interrupções. Os protagonistas do encontro decidiram, com efeito, só deixar a Itália depois de aceites alguns dos pontos agendados.

Nos últimos tempos, o nosso país começou a ser objecto de atenções especiais por parte dos intervenientes no projecto.

Enquanto o arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, um dos pilares das negociações, subia confiante, há dias, as escadas do palácio de Belém em visita a Mário Soares, o secretário de Estado Durão Barroso voava em segredo até à Suíça para se avistar com o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama.

O prelado, que esteve na base dos primeiros encontros entre a Frelimo e a Renamo, tenta, agora que eles parecem normalizar-se em Itália, fazê-los inflectir para o nosso espaço — no que é, porém, contrariado por Guebuza e Teodato Hungnana, dirigentes da delegação da Frelimo, críticos em relação a Lisboa.

Informações não confirmadas oficialmente apontam para a existência de um certo cansaço por parte da Itália. Impaciente com a falta de resultados, poderá desligar-se do seu papel de mediadora. A concretizar-se, isso seria um sério revés para os que rejeitam a mediação de Portugal.

As operações desencadeadas em direcção a Lisboa irão, assim, ser desenvolvidas. Portugal tentará, dentro das suas possibilidades, dar-lhes réplica. A sua receptividade às questões africanas emerge com força crescente.

As campanhas de socorro a Moçambique, por exemplo, estão a encontrar boa resposta. Há neste momento mais

de 43 milhões de contos para as suas vítimas, esperando a Unicef, entidade promotora do movimento, atingir em breve os 50 milhões.

Jogar no tempo

Dar estatuto, ideologia, ética, programas, prestígio à Renamo, características que ela não evidencia ter, tornou-se para alguns um objectivo prioritário.

A deficiente estrutura política, cultural, económica e administrativa da Renamo, posta à prova nestas conversações, está a levá-la a adiar compromissos e a jogar no tempo. Os próprios países

seus apoiantes parecem ter dificuldades. Daí a Frelimo acusá-la de atrasar permanentemente as conversações, através de recuos sistemáticos.

Especialistas norte-americanos e sul-africanos tentam, entretanto, ajudá-la — caso de Bruce Fein, da Fundação Heritage, que está a redigir um projecto de Constituição; o próprio Governo do Maputo, decidido a não perder o controlo do processo, enviou há dias o seu ministro Aguiar Mazula a Joanesburgo, a fim de que David Landcher, do Ministério dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, e um coronel do Ministério da Defesa se deslocassem para “assessorar” a Renamo em Roma. >>

>> Representantes da hierarquia da Igreja católica solicitaram já a Portugal ajuda para uma dignificação da Renamo, maneira de dar credibilidade às conversações. Para os que partilham tal ponto de vista, torna-se importante transformar a Renamo numa espécie de UNITA, o que só o nosso país pode fazer.

“Portugal poderia, de forma indirecta e desde há muito, ter um papel importante no processo de paz em Moçambique”, afirma ao PÚBLICO Manuel Frank, representante da Renamo em Lisboa. Até porque “não se pode prever qual será o comportamento futuro do Governo italiano e até que ponto estará interessado em investir no processo das negociações. (...) Alguém terá que suportar os encargos decorrentes disso”. “O que é que impede o Governo português de se mostrar mais activo, no sentido de aproximar as duas partes beligerantes, de aconselhar sem partidarismo, de moderar os exageros de ambos os lados, sem participação directa na questão ideológica? É que Portugal, ainda que o seu Governo se mostre eventualmente relutante em aceitar essa tarefa, tem ainda um papel importante a desempenhar em Moçambique. E Moçambique espera isso de Portugal. Espera o apoio dos seus técnicos, dos seus professores, dos seus industriais, dos seus investidores, do seu conhecimento de África.” ■

Fernando Dacosta